



*Dramaturgia
Latino-Americana*





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor
Naomar Monteiro de Almeida Filho
Vice-Reitor
Francisco José Gomes Mesquita

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora
Flávia Goullart Mota Garcia Rosa
Conselho Editorial
Titulares
Ângelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Ninõ El-Hani
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
José Teixeira Cavalcante Filho
Maria do Carmo Soares Freitas

Suplentes
Alberto Brum Novaes
Antônio Fernando Guerreiro de Freitas
Armando Jorge de Carvalho Bião
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
Cleise Furtado Mendes
Maria Vidal de Negreiros Camargo





LUIS ALBERTO ALLONSO
HÉCTOR BRIONES
CACILDA POVOAS
(Organizadores)

Neva

de Guillermo Calderón

Tradução: Celso Curi

EDUFBA
Salvador-BA
2009

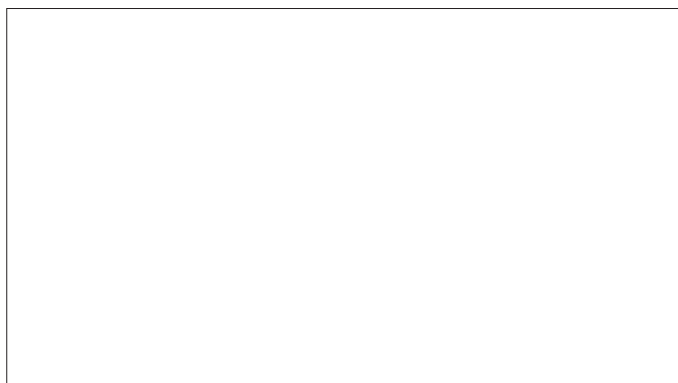


©2009 by Organizadores
Direitos de edição cedidos à
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA
Feito o depósito legal

Revisão de linguagem
Ana Lígia Leite e Aguiar

Editoração eletrônica e capa
Rodrigo Oyarzábal Schlabit

Sistema de Bibliotecas - UFBA



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - *Campus* de Ondina,
40170-115 Salvador-BA
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br





A Coleção

Com a publicação de *Neva*, de Guillermo Calderón, o Festival Latino-Americano de Teatro de Bahia dá início à coleção *Dramaturgia Latino-Americana*, que já tem mais seis textos traduzidos, em fase de revisão. Cada volume da coleção trará uma peça latino-americana contemporânea em português e espanhol. Os sete primeiros volumes dessa coleção apresentam autores cuja prática cênica, no âmbito teatral de nosso continente, é ativa e recente, o que outorga às publicações uma marca atual.



A edição desta coleção é resultado de um esforço conjunto, em primeiro lugar dos dramaturgos, aos quais agradecemos pela generosidade em ceder os direitos de autor para esta publicação; dos tradutores, que se mostraram interessados em divulgar esses textos em língua portuguesa e espanhola; e da EDUFBA, que apoiou desde o início o projeto desta coleção, demonstrando sua preocupação em ampliar fronteiras e criar diálogos, ao dar a conhecer a dramaturgia deste continente.

Todos os textos a serem publicados são inéditos no Brasil, divulgados somente em sua língua nativa, o espanhol, não existindo ainda versões dos mesmos em português, do mesmo modo como os textos brasileiros que estão no prelo não têm, até o momento, publicação em espanhol. Dessa maneira, esta coleção vem preencher uma lacuna nas publicações de textos dramáticos no Brasil, que pouca atenção tem dado ao teatro latino-americano contemporâneo, principalmente dos anos 90 em diante, sendo pouquíssimas as publicações aqui existentes sobre esse tipo de dramaturgia. Muitas dessas publicações são esporádicas e pouco divulgadas. Neste sentido, a coletânea se torna basilar por oportunizar o trânsito de outros formatos



dramatúrgicos que operam experimentações formais pouco vistas no teatro latino-americano dos anos 60, 70 e parte dos 80.

Grande parte do teatro latino-americano, dos anos 60 até os anos 80, era formada por grupos que pretendiam promover um projeto utópico socialista, acionando um teatro político de esquerda. Estes, principalmente nos países que nessas décadas passaram por ditaduras, contestaram o poder problematizando-o nas suas bases econômicas, culturais e humanas. Nesse terreno surgiram dramaturgias que, em sua maioria, aspiravam revelar objetivamente a situação social que se estava vivendo, em um tom sociológico e, também, em uma ousada denúncia do descalabro econômico e humano existente na época. Essa pretensão de objetividade foi sendo abandonada desde meados dos anos 80. Essa mudança de perspectiva será uma marca basilar na dramaturgia dos anos 90, se desdobrando até os dias de hoje. Surgem, nessa última época, textos que operam por desconexões, com situações ambíguas, com personagens que não podem ser vistos como bons ou maus. Emerge uma dramaturgia que não pretende dar respostas e nem propor projetos macrossociais, senão fazer flutuar em suas escritas alguns fantasmas que se tornam presentes nas letras desses autores. São dramaturgias que exigem do espectador reflexões próprias e não mais uma adesão ou repulsão, já que não pretendem convencer ninguém, senão mostrar, por diversos ângulos. Daí a sua riqueza de experimentação formal, a partir da qual se inauguram outras formas de resistência política. São textos que propositalmente deixam lacunas, que são provocações para a cena, ou seja, exigem ser articulados com os demais elementos cênicos: luz, som, espaço, corpo e voz do ator, entre outros. É justamente este tipo de dramaturgia que se quer divulgar nesta coleção.



O que nos orienta na escolha dos textos desta coleção é a ideia da diversidade. As peças selecionadas até o momento são frutos do estudo, por parte dos dramaturgos, de culturas tão diferentes e tão interativas como as culturas dos nossos países latino-americanos, em um constante diálogo que cruza a tradição e a contemporaneidade. De fato, a globalização e os seus efeitos sociais e políticos se deixam ver nesses trabalhos, em suas temáticas e em seus aspectos formais. As poéticas de tais textos são o resultado do encontro de sensações e vivências culturais, sociais e políticas desses dramaturgos, assim como resultado de suas investigações estéticas que vão muito além do teatro. Enfim, são textos cujos dramaturgos se sabem artífices cênicos e passeiam, com igual paixão, tanto pela literatura quanto pelo teatro.

Vale ressaltar, ainda, o fato de a publicação ser bilíngue. Isso é de extrema importância, não só para o Brasil, mas para toda a América Latina, porque ainda que a maioria dos textos desta coleção já tenham sido editados em espanhol, a sua circulação nos países de fala hispânica tem sido irregular, de alcances locais, muitas vezes em publicações particulares de cada grupo ou autor. Esta publicação pode ser um importante material de estudo da dramaturgia contemporânea de nosso continente, tanto para estudantes de literatura, de artes cênicas e de outras áreas, da Bahia e do Brasil, como para estudantes e artistas de qualquer localidade latino-americana. Do mesmo modo, a coleção poderá ser um material valioso para artistas teatrais que queiram desenvolver sua prática cênica montando espetáculos a partir destes textos, cujas vertentes dramáticas são atuais e, ao mesmo tempo, desconhecidas nestas terras. Por esse motivo optamos pelo formato de uma peça em cada exemplar, tornando o volume mais fácil de manusear na sala de ensaio.



O Primeiro Volume

Para inaugurar a coleção *Dramaturgia Latino-Americana* escolhemos a peça *Neva*, escrita pelo jovem dramaturgo chileno Guillermo Calderón. Trata-se de uma das peças mais importantes do teatro chileno destes últimos anos. Estreada em 2006, pela companhia *Teatro en el Blanco*, dirigida pelo mesmo Calderón, a peça tem viajado pela América Latina (Brasil, Argentina, Uruguai, entre outros), América do Norte e Europa (França, Espanha, Itália, entre outros). Baseada em fatos reais, *Neva* localiza a sua ficção em São Petersburgo, seus protagonistas são três atores do lendário *Teatro de Arte de Moscou*, dentre eles Olga Knipper, esposa do renomado dramaturgo russo Anton Chekhov. A peça transcorre em 1905, durante o “domingo sangrento”, quando as tropas do czar reprimiram violentamente uma manifestação de trabalhadores. Nesse dia, em um teatro defronte ao rio Neva, os três atores esperam os outros colegas da trupe para começar o ensaio. *Neva* é uma intensa reflexão autocrítica e sarcástica sobre a arte teatral, fala de suas próprias limitações em relação ao drama privado (e público) da violência social e política de um país.

Salvador, 23 de setembro de 2009
Luis Alberto Allonso, Héctor Briones e Cacilda Povoas



Neva

de Guillermo Calderón

Tradução: Celso Curi

Personagens

Masha, 36, atriz

Aleko, 30, ator

Olga Knipper, atriz, 36, viúva de Chekhov



São Petersburgo. A cidade faz cem anos, durante a tarde de 9 de janeiro de 1905. Na sala de ensaio de um teatro.

OLGA

“Oh, meu querido, meu doce, meu belo jardim... minha vida, minha juventude, minha felicidade. Adeus!... Adeus!... um último olhar para as paredes, as janelas... Nossa pobre mãe amava caminhar neste quarto...” Não consigo. Não sai este monólogo de merda. Tenho menos verdade do que Rasputin. E agora estou em pânico. Já sei o que vai acontecer. Na noite da estréia, no próximo sábado, virão todas as mulheres petersburguesas para me ver. E as outras atrizes para me ver. Me ver cair, ver Olga Knipper cair. Me verão desafinar e dizer estas lindas palavras sem alma. Elas irão rir nos momentos equivocados e amassar o papel do chocolate. Mas, no final, quando me virem sorrir agradecida e humilhada... vão aplaudir, felizes, com os dentes cerrados. E irão me esperar na saída do camarim para me abraçar, e eu, tímida, ruborizada pelo calor, borrifada de perfume para cobrir o fedor de suor que exala toda atriz dramática que tenha amor próprio... eu vou agradecer. E, como uma cadela molhada, vou perguntar: Vocês gostaram? De verdade? Vocês não sabem como eu estava nervosa! Obrigada por estarem aqui neste momento tão íntimo. Mas, me digam a verdade, vocês gostaram? Se vocês não tivessem gos-

tado vocês me diriam, não é? Ma-ra-vi-lho-sa, Olga! Maravilhosa. Que profundidade ao tomar aquela bebida... quando você olhou pela janela, meu coração parou! Hoje você atuou até de costas, Olga Knipper, suas costas expressaram mais matizes dramáticas que seu próprio rosto. E assim, entre elogios falsos, carregando minhas flores, sairei deste teatro pela porta dos atores. E na rua haverá mais flores, flores mais baratas, deixadas pelos admiradores que não suportaram os quarenta graus abaixo de zero da Real São Petersburgo. E eu subirei no meu carro e saberei que enquanto os seus carros se afastam pelo Nevsky Prospekt e não se veja mais o rio Neva dirão: Ah! Pa-té-ti-ca Ol-ga Kni-pper. A-le-mã mal ves-ti-da, Ol-ga Kni-pper. Só viemos vê-la por ser a viúva dele, o gênio, Anton Pavlovich Chekhov. O escritor. O maior escritor russo desde o príncipe Tolstoi. O amado escritor que nasceu no povoado de Taganrog, no mar de Azov, no sul da Rússia, em um dezessete de janeiro de mil oitocentos e sessenta, o terceiro de seis filhos, cinco meninos e uma menina, que nasceu de uma família de servos que compraram sua liberdade, que graças a sua inteligência e esforço conseguiu chegar a estudar medicina em Moscou. O escritor que nos deixou um maravilhoso legado de obras dramáticas e contos que interpretam nossa alma patriótica. Anton Pavlovich Chekhov, que morreu tragicamente faz apenas seis meses na selva, na Alemanha, em um ridículo hotel, quase um sanatório, de uma grave doença, de tuberculose, de pulmões frágeis de verdadeiro artista. E essas vacas dirão com um hálito marrom e lábios arrebetados pela vodka que eu sou má atriz. Que eu sou uma diletante, que sou uma marionete desmontada de Nemirovich-Danchenko e Stanislavski. Que sou uma galinha, uma rameira, uma pastora. Eu, a primeira atriz do Teatro de Artes de Moscou, onde tudo se ensaia, tudo se sente e tudo se recorda com uma emoção brutal. E

pior. Vão dizer que fui uma má esposa. Que deixei que o meu marido expectorasse seus pulmões na sua casa de Yalta, enquanto eu interpretava as mulheres que ele escrevia. Mas de que me serve compreender a alma da personagem de Irina, quando ela diz que quer voltar a viver em Moscou? Não me serve. Porque mesmo sabendo que meu escritor escreveu essa personagem de *As Três Irmãs* para manifestar a saudade que sentia de mim, sua atriz, sua cachorrinha, sua pequena crocodila... mesmo sabendo que ele escreveu pensando em mim, em sua casa de Yalta, em sua Sibéria cálida... nada me serve, porque já não sinto. Fiquei áspera. Não sinto. E para atuar é preciso sentir e, portanto, não podes atuar, Olga Knipper. Já não consigo fazer esse monólogo, nem esta cena. E vão me destruir nesta cidade de São Petersburgo, nesta cidade francesa. E eu que pensei que sair um mês de Moscou para trabalhar na cidade do czar e da czarina iria me ajudar a curar meu coração destrocado pela morte do meu escritor há seis meses. Mas foi pior. Tudo é tão intenso na cidade de Pedro que já nem sequer posso chorar. Tudo o que tem água está congelado, inclusive os homens. Os palácios brilham e soltam vapores à noite e todos, até as crianças, agem como se este mundo fosse acabar. O mais importante na minha vida é o teatro e atuar. E ser eu mesma cada vez que me visto como se eu fora outra. E repudiar a fama e aos que me querem. E menosprezar os famosos e menosprezar a mim mesma maquiando-me colada ao espelho. E menosprezar-me quando ponho um figurino que me aperta porque estou gorda. E menosprezar-me quando como uma barra de chocolate entre um ato e outro, sozinha em meu camarim, com a boca cheia, quase sem poder respirar, bufando pelo nariz, como se fosse uma galinha, uma rameira, uma pastora. Porque, para mim, atuar é um castigo, Sergei. Humilha-me que me olhem. Eu gosto, isso sim, quando me chamam

— | | —

e me dizem que sou a atriz perfeita para um personagem. Eu gosto. E não gosto de falhar. Que me queiram. Isso às vezes me faz um pouco feliz. Por que não chegou mais ninguém para o ensaio, Sergei?

ALEKO

Não se deprima Olga, estamos felizes por ter você como atriz convidada.

OLGA

Obrigada.

ALEKO

Olga, eu gosto de ser ator. Me faz feliz, mas tenho vergonha de ser feliz. E se ninguém chegou ainda para o ensaio é porque hoje é um domingo sangrento.

OLGA

Que dia é hoje?

ALEKO

Nove de janeiro de 1905. Lembre-se desta data. Quando eu vinha para o ensaio vi uma passeata de gente pobre que terminou em matança. Me dá medo que tenham matado os demais atores desta companhia. Não sei se você sabe, Olga, mas parece que vai haver uma revolução em nossa pátria. E não me chamo Sergei, meu nome é Aleko.

OLGA

(Alguém entra) Quem é?

MASHA

Masha.

ALEKO
Masha!

OLGA
Masha, faça.

MASHA
O quê?

OLGA
A cena final do meu monólogo.

MASHA
Como é o texto, Olga?

OLGA
“Oh, meu querido, meu doce...”

MASHA
Ah, sim... un, deux, trois... “Oh, meu querido, meu doce, meu belo jardim... minha vida, minha juventude, minha felicidade. Adeus!... Adeus!... um último olhar para as paredes, as janelas... Nossa pobre mãe amava caminhar neste quarto...”

ALEKO
Soou sem alma.

MASHA
O quê?

ALEKO
Sem alma.

OLGA

A coisa mais verdadeira que você disse foi un, deux, trois. Masha, quero ver você atuar.

MASHA

De novo, Olga?

OLGA

Não, “atuar”. Escolha algo do seu repertório de atriz, algo que você goste de interpretar e encene para nós.

MASHA

“Agora eu compreendo, Kostia... agora compreendo, o importante não é a fama, não é o brilho, não é aquilo que eu sonhava...” (*Olga e Aleko riem*) Continuo?

OLGA

Sim, continue.

MASHA

O importante é saber “sofrer. Aprenda a carregar a sua cruz e a acreditar... eu acredito e por isso não sinto tanta...”

OLGA

Eu estou tentando acreditar, mas está muito difícil... Aprenda a carregar a sua cruz... a de ser má atriz. Por que você respira assim? Está com bronquite? (*Ridicularizando*) “Agora compreendo, agora compreendo, Kostia.” Você não é um fole. Você é uma atriz. O público tem que chorar pela beleza do texto, não porque a atriz está se desfigurando sobre o palco. Não se atua assim, Marsha, não mais. Un, deux, trois.

ALEKO

Olga, posso lhe fazer uma pergunta técnica? Quando Anton Chekhov morreu... há seis meses... em seus braços... delirando... de tuberculose... depois de um casamento tão curto e de terem estado tão pouco tempo juntos, enquanto você construía sua carreira no Teatro de Artes de Moscou, e ele a esperava sozinho em Yalta... vomitando sangue... os pulmões. Quando Anton Chekhov finalmente morreu... você sentiu o quê?

MASHA

Olga, eu ainda não havia falado, mas os meus sapatos estão pequenos, talvez por isso eu não possa respirar bem.

ALEKO

Por que isso que você sentiu, Olga, você utiliza quando sobe ao palco, para chorar, para atuar?

OLGA

Não me lembro. Não me lembro... Quero ir embora ... Masha, você pode me abraçar? Não me lembro! Só sei que entrou uma traça no quarto, na noite em que Anton morreu, mas não sei se a traça entrou antes ou depois que Anton deixou de respirar. Também sei que Anton estava sorrindo antes de morrer, mas não me lembro... Vocês poderiam me fazer um favor? Poderiam interpretar a morte de Anton para mim? É um favor, estou pedindo um favor!

ALEKO

Olga, eu interpreto Anton.

OLGA

Obrigada, Aleko.

MASHA

Eu também posso interpretar Chekhov.

OLGA

Pode? (*Para Masha*) Vamos ver, tussa. (*A Aleko*) Tussa, Aleko. (*Aleko tosse*) Tussa, Masha. (*Masha tosse*) (*A Aleko*) Você vai interpretar o Anton.

ALEKO

Obrigado, Olga.

OLGA

Você vai interpretar o Doutor Schworer. O Doutor Schworer está bem perto de Anton e está lhe dizendo algumas palavras em alemão que não consigo escutar.

MASHA

Olga, eu não sei falar alemão.

OLGA

(*A Aleko*) Ela é atriz e não sabe falar alemão... então você pensa? Você vai falar alemão porque o Doutor Schworer era alemão. Neste momento você diz a ele "ich sterbe".

MARSHA

O que significa "ich sterbe"?

ALEKO

(*A Masha*) Estou morrendo.

OLGA

Estou morrendo. Nesse momento, Masha, você injetará nele a cânfora e pedirá a Lev Rabeneck, um estudante russo de visita a Badenweiler que nos ajudou muitíssimo nes-

sa noite, que lhe traga uma garrafa de champanhe. Você vai tomar uma taça, vai saborear, vai passá-la para mim... e depois você vai morrer... ele morre. Obrigada. Vocês dois são pessoas maravilhosas. *(Tomam as suas posições)* Ação! *(Aleko tosse)*

MASHA
Sou o Doutor Schworer.

OLGA
Doutor!

MASHA
“Ich brait sheit und wis if kurt nais kris yaikenshipnein...”
(Fala em alemão improvisado. Aleko ri.) Olga, não posso continuar atuando, Aleko está rindo do meu trabalho.

OLGA
Como passa pela sua cabeça parar a cena quando a cena acaba de começar?

MASHA
Eu não sei falar alemão.

OLGA
O que me importa que você não saiba falar alemão? Como passa pela sua cabeça parar uma cena quando a cena já começou? Mas quem você acha que eu sou? Sou seu bufão particular para que você ria na minha cara da minha dor? Que falta de respeito é essa? E você não somente falta com o respeito a mim, ao palco, ao teatro, como também falta com o respeito a seu companheiro que estava absolutamente concentrado na cena. E depois você me olha com cara de surpresa quando lhe digo que você não tem alma. Você

acha que é ter alma parar uma cena na metade, quando já se começou?

MASHA

Olga, quero te pedir desculpas, eu não quis interromper a cena... não sei falar alemão.

OLGA

Você poderia, pelo menos, me dar um tempo para eu me recuperar? *(Pausa)* Ação! *(Retomam a cena)*

MASHA

Sou o Doctor Schworer.

OLGA

Doutor!

MASHA

Rápido Lev! Champanhe! A champanhe, Olga. A champanhe.

ALEKO

(Toma champanhe) Fazia tempo que eu não tomava champanhe. *(Começa a se afogar e a tossir)*

OLGA

Anton! Antosha!

ALEKO

Crocodilo! *(Morre)*

OLGA

Não foi assim. Não... não foi assim.

ALEKO

Olga, quem sabe não tenha ficado bom por causa da cena em alemão, Masha não fala alemão.

MASHA

Não, Aleko. Não! Olga, segundo Lev Rabeneck, ele escreveu em suas memórias que você não estava sentada aí, e sim em pé ali. *(move-a)*

OLGA

Sim? Obrigada, Masha, você é maravilhosa. *(Segue as instruções de Masha)*

MASHA

Segundo Lev Rabeneck, um som estranho começou a sair da garganta de Anton. *(Aleko geme)* Tudo estava em silêncio, a luz da lâmparina começou a se apagar. O doutor tomou a mão de Anton e não disse nada, parecia que Anton estava fora de perigo, que estava melhorando. Mas o doutor deixou cair a mão de Anton, foi aí que Lev Rabeneck disse: “Acabou, Herr. Chekhov está morto”. Lev Rabeneck se aproximou de Olga e disse...

OLGA

Não, Masha.

MASHA

Olga...

OLGA

Não quero.

MASHA

Olga... *(Retomando a personagem de Lev)* Olga Leonardovna, o doutor disse que Anton Chekhov está morto, Olga.

OLGA

Não, não, não. Não doutor... diga-me que não é verdade.
(*Começa a desmaiar*)

MASHA

(*Como o doutor*) É verdade, Olga, é verdade. Olga! Olga!
(*Pedindo ajuda*) Lev! Olga!

ALEKO

Desculpa Olga, foi assim?

OLGA

Não, não foi assim.

ALEKO

(*Para Masha*) Para! Para! (*Ordenando uma nova cena*) Afaste
isso (*apontando para a estufa*). Olga, eu sou Chekhov.
(*Tosse*)

OLGA

Não, não. Tu me prometeste que irias escrever uma peça
sobre o escritor que viaja a Moscou porque quer ver sua
mulher atuar as personagens que ele escreveu para ela... tu
me prometeste, Antosha.

ALEKO

Crocodilo... não sabes o quanto quero voltar a Moscou.

MASHA

Aleko, Anton se manteve digno até o final.

ALEKO

Doutor, estou morrendo.

MASHA

(Retomando o personagem de doutor) Rápido Lev, oxigênio.

ALEKO

Não é necessário. Quando chegar, eu já estarei morto.

MASHA

(Interrompendo) Olga, no dia seguinte à morte de Anton, o jornalista russo Grigori Borisovich Iollos, do diário moscovita Russkie Vedemosti, te entrevistou no hotel de Badenweiler. À uma da manhã Anton começou a delirar.

ALEKO

(Como Chekhov delirando) Eu imagino uma revolução. Um dia depois das greves, o czar, o César russo, vai viver no campo e ficaremos órfãos, e começa uma guerra, temos tanta fome que as pessoas comuns como eu tem que comer carne humana. Até que um dia vamos à estação Finlândia para esperar o trem que traz um novo líder, um homem calvo, elétrico, recheado de serragem e com ele entramos no museu francês junto ao rio Neva.

MASHA

(Todos retomam as personagens) Olga põe uma bolsa de gelo junto ao peito de Anton. Anton diz... não se põe gelo...

ALEKO

Não se põe gelo em um coração vazio, ich sterbe, estou morrendo.

MASHA

Olga retira a bolsa de gelo do peito de Anton. A janela está aberta e se ouve o canto dos pássaros. Olga abraça Anton e beija-o docemente.

OLGA

Não, não! Não! *(Abraça-o, beija-o e imediatamente começa a bater em Aleko)*

ALEKO

Olga, quero te pedir perdão.

OLGA

Por que, Aleko?

ALEKO

Porque me apaixonei por você quando vi você atuar em As Três Irmãs há dois meses, em Moscou. Me apaixonei tanto, Olga, que urino na cama.

OLGA

Aleko, eu já amei e já queimei o meu carvão e o meu combustível.

ALEKO

Então me salve, Olga, me perdoe. Eu desejava a morte de seu Anton e meu desejo se realizou. Olga, por favor, me perdoe, sou uma pessoa tão simples. Por favor, me perdoe.

MASHA

Com licença, vou buscar gelo.

ALEKO

Não, não vá!! Não me deixe sozinho com ela!! Olga, sou um pústula. Não tive sapatos até os treze anos de idade, tomava leite da teta da minha mãe e de minha irmã apenas quando elas tinham acabado de ter filhos. Meu pai me batia, nunca o vi sóbrio e ele nunca me olhou nos olhos. Fui criado por um padre na casa dele porque me dizia que eu sabia cantar e porque no inverno chorava de fome. As-

sim era a vida no campo, Olga, e era linda. Eu quis viver na cidade, mas quando cheguei vi como uns bêbados mataram a pauladas um cavalo, as pessoas são muito cruéis. Agachei-me, beijei-o nos olhos e fiquei manchado de sangue, Olga. Igual a você, manchado de sangue. Por isso quando fui vê-la no teatro, convidado por uma mulher que me pagava para amá-la, me apaixonei por você. Porque é triste, por aparentar mais idade do que tem, porque sabes caminhar, porque eu gostaria de ser como você é, vestir-me assim. E desde que você começou a ensaiar conosco tenho uma ereção permanente. Já faz duas semanas que venho urinando na rua, estou com o pênis congelado, está ficando negro. Eu quero... penetrá-la. Eu te amo e quero que você me ame, mas você não vai me querer porque sou pobre. Não se engane com a minha cara de soldado, quando eu estiver nu você se dará conta. Assim somos os pobres, temos menos ossos e os poucos que temos são maiores, somos desiguais. Tenho mordidas de rato nos glúteos. Tenho cheiro de mulher onde deveria cheirar a homem e não sei amar sem querer bater, matar, vomitar, rezar, parar e voltar a amar. O órgão mais importante que tenho é o meu apêndice e quero enfiá-lo em seu rim e vê-la suar.

MASHA
Aleko!

OLGA
Siga, siga.

MASHA
Aleko!

ALEKO
Não, já terminei.

OLGA

Sujo, boca suja . Não posso me mover.

ALEKO

É um monólogo que estou ensaiando baseado em Dostoievsky. Você gostou?

MASHA

Aleko!

OLGA

Não me amas? (*Olga chora*)

ALEKO

Não. (*Consolando-a*) Olga, Olga, qualquer um se apaixonaria por você.

OLGA

Você estava atuando?

ALEKO

Sim.

OLGA

Não atue nunca mais, por favor. (*Olga passa bruscamente do choro a gargalhada*)

MASHA

(*Deslumbrada*) Olga, você é uma ótima atriz.

OLGA

Não. Eu era.

MASHA

Quando você ensaia, eu posso ver o que pensa.



ALEKO
E o que sente?

MASHA
Sim, também o que sente.

OLGA
Você sabe o que eu sinto?

MASHA
Como você é tão boa atriz? Você acredita que eu seria melhor atriz se me satisfizesse sexualmente?

ALEKO
Por que Masha? Você não se realiza sexualmente?

OLGA
Masha, não fale sobre isso na frente do Aleko, eu não falo sobre isso nem diante de uma mulher.

MASHA
Eu preciso falar de mim.

ALEKO
Olga, na minha frente vocês podem falar, nós sempre falamos de sexo.

OLGA
Sim?

MASHA
Sim.

ALEKO
Sim.



MASHA

Sim. Inclusive uma vez fizemos.

OLGA

Fizeram o quê?

MASHA

Sexo.

ALEKO

Sexo.

OLGA

Sexo?

ALEKO

Sim, eu fiz sexo com ela.

MASHA

Sim, foi em um verão, em um camarim de teatro. Estávamos sentados em uma cadeira (*Aleko indica a cadeira*) Sim, nessa cadeira. Mas não curti.

ALEKO

Eu sim, Olga. Mas só fiz para que ela pudesse atuar melhor, porque tinha que interpretar o papel de uma mulher que se apaixona por um homem do campo.

MASHA

Um minerador.

ALEKO

Um minerador, um homem do campo, dá no mesmo.

OLGA
E te serviu?

MASHA
Sim, entendi que se uma mulher não se satisfaz, pode pensar em outro homem melhor e adoecer da alma e sofrer...
(*Pausa*) Olga, é verdade que você não deixava Anton fazer sexo com você porque ele tinha tuberculose?

OLGA
É disso que estão falando?

MASHA
Sim

OLGA
Atores!...

ALEKO
Mas você se contagiou, ou não?

OLGA
Não!! (*Pausa*) Havia algumas vezes, quando fazíamos amor, que Anton tossia e vomitava sangue, mas eu continuava beijando-o. O que poderia fazer... rejeitá-lo?

MASHA
Você pensa nisso quando tem que fazer cenas de amor?

OLGA
Não...

MASHA
Aleko diz que isso é útil.

OLGA

Sim?

ALEKO

Sim, eu acredito que é útil. Por exemplo, Olga, se alguém tem que dizer “te amo” e não está sentindo, é possível se recordar de alguém que amou.

OLGA

E se a pessoa é “outra”?

ALEKO

Você a substitui na sua mente.

OLGA

Como?

MASHA

Um exemplo.

ALEKO

Por exemplo... “me perdoe, mãe... corte minha mão”.
(*Masha ri*)

OLGA

Por que você está rindo?

MASHA

A mãe, Olga.

OLGA

Não, não ria. Estava muito bem interpretado. Em que você pensou Aleko?

ALEKO

Na minha mãe quando meti a mão na cara dela.

OLGA

Você bateu no rosto da sua mãe?

ALEKO

Não, Olga, isso eu também imaginei.

OLGA

Você é muito bom ator, Aleko. Masha, seu companheiro é um excelente ator, ele imaginou aquilo.

ALEKO

Obrigado, Olga.

MASHA

Não, Olga, não é bom ator. É nobre, é milionário, por isso faz o que faz.

ALEKO

Sim, Olga, sou nobre, sou milionário. Cresci entre cães que comiam à mesa o mesmo que eu.

MASHA

Se você conhecesse a mãe de Aleko, Olga.

ALEKO

O que tem a minha mãe? Minha mãe tem dentes de marfim da Índia, Olga. Cresci vestido de marinheirinho até os onze anos.

MASHA

Tinham um teatro em casa, Olga. Um teatro.

ALEKO

Sim, tínhamos um teatro, Olga, um teatro privado e um ator, um ator que havia sido um vassalo e que me ensinava a atuar. Dizia que atuar era como sofrer por amor, era sentimental e tinha sempre os olhos úmidos de lágrimas. Graças a ele eu vim a São Petersburgo e me transformei em ator.

MASHA

Para ir de férias à França.

ALEKO

Sim, eu ia de férias à França. Sabe o que aconteceu na França? Vi uma pessoa ser guilhotinada; as pessoas são tão simplórias. Por isso estou sempre bêbado, com a língua roxa. Por isso acordo, duas vezes por semana, jogado sem roupa na rua. Olga, deveríamos voltar a viver como cristãos, acabar com o progresso.

MASHA

Aleko.

ALEKO

Eu viveria com os meus filhos no campo e suas mães, mesmo que fossem umas velhas de quinze anos sem dentes. As faria orar para que deus as convencesse de que eu as violei por amor e que todas essas crianças, que são meus filhos, são fruto da paixão celestial. Você quer me ver atuar?

OLGA

Sim.

ALEKO

Alguma cena em particular?

OLGA

Algo da minha vida. Você poderia encenar o que aconteceu com Masha Chekhov, a irmã de Anton, quando soube que iríamos nos casar?

ALEKO

(Como Chekhov) Masha.

MASHA

Sim.

ALEKO

Irmã...

MASHA

Sim.

ALEKO

Vou me casar.

MASHA

(Como Masha Chekhov) Não.

ALEKO

Você virá morar conosco.

MASHA

Não. Para que se casar se eu te dou tudo?

ALEKO

Você é minha irmã.

MASHA

E...?



ALEKO
Como “e...”?

MASHA
E...!

ALEKO
“E...” o quê?

MASHA
E... que eu cozinho para você, lavo para você, escrevo as suas cartas, mato os gatos com a escopeta, te inspiro, rio dos seus contos...

ALEKO
Masha, eu quero ter relações íntimas com uma mulher.

MASHA
Asqueroso! Para quê? Você pode continuar se masturbando em seu jardim como você sempre faz.

ALEKO
Quero uma mulher.

MASHA
Eu sou uma mulher.

ALEKO
Uma mulher que eu possa beijar.

MASHA
Você pode me beijar...

ALEKO
De língua?





MASHA
Você pode!

ALEKO
Tocando os seus seios?

MASHA
Você é meu irmão, Anton. Quer tocar os meus seios?...
Bem, toque os meus seios, faça o que quiser. Mas não se
case, ninguém vai gostar de você como eu gosto, Anton.

ALEKO
Sim, eu sei.

MASHA
E?

ALEKO
Mas quero experimentar.

MASHA
Experimentar o quê?

ALEKO
Experimentar... não sei, ter uma mulher, dormir com ela,
contar a ela os meus problemas...

MASHA
Mas que problemas você pode ter se eu soluciono todos,
Anton!

ALEKO
Tossir. Esse problema. Ter tuberculose, medo de morrer,
isso.



MASHA

(Pausa) Essa gorda, essa velha, suja, corcunda, Olga Knipper, alemã, mal vestida, fantoche descosturado de Nemirovich-Danchenko e Stanislavsky, suja, galinha, pastora, coveira. Eu a odeio. Atriz facínora, quando está em cena tem cheiro de leão.

ALEKO

Masha, eu te amo, mas não te amo. Estou apaixonado por Olga.

MASHA

Anton, Antosha: Por que crescemos? Éramos tão felizes quando éramos crianças e brincávamos na lama. Você lembra? Quero voltar a ser menina, Anton. Escolha a mim, eu lhe conheço melhor.

ALEKO

Você tem que encontrar um marido, Masha.

MASHA

Você sabe o que eu quero? Quero que você case com ela, que escreva peças para ela que a transformem em uma deusa, mas que isso a mantenha longe, em Moscou, e que você chore pela ausência dela. E que tussa cada vez mais e que no fim das contas perceba que fui eu quem ficou ao seu lado e que o sexo e as imundices que tanto queria não significaram nada em sua vida. E que um dia você morra, que você morra. E que ela sofra, afogada em culpas, e que engorde, e que já não possa mais atuar. E eu ficarei nesta casa e deixarei tudo como está até que ela seja transformada em um museu. Eu me transformarei em uma gigante egoísta e seu jardim irá secar. “Oh, meu querido, meu doce, meu belo jardim...”

ALEKO

Masha, Mashenka, você está doente: não beba mais álcool, não fume mais tabaco, não coma mais peixe. Tome uma aspirina, injete arsênico debaixo da pele das costas.

MASHA

(*A Olga*) Porca, alemã vil, você finalmente agarrou o meu irmão. Se você se converter em Natasha, d'As Três Irmãs, eu lhe estrangularei com as minhas próprias mãos. Não vou lhe morder na garganta, apenas vou lhe estrangular. Quero me suicidar, minha vida já não tem mais sentido... por culpa do casamento do meu irmão. Por que você tinha que chegar, Olga Knipper, tinha que se envolver e complicar tudo por causa de um homem doente? É inacreditável que você irá se transformar em uma Chekhov. Olga, Olechka, você sabe que eu lhe adoro, eu me aproximei tanto de você nos últimos anos. Por favor, encontre-me um marido rico e generoso. Por favor.

OLGA

Por que você não descansa? Por que não deixa de fazer tantas aulas, Masha? Por que você não se apaixona?

MASHA

Eu? Eu nunca me apaixonei, Olga. Eu, Masha. Tenho inveja de você, Olga, apesar de seu Anton já estar morto.

OLGA

Já lhe aconteceu alguma vez de gostar tanto de alguém a ponto de sofrer com a ideia de que essa pessoa algum dia vai ficar velha e morrer?

MASHA

Sim, uma vez eu estava andando pela rua e me encontrei com...

OLGA

Isso estava muito bom, parabéns, Aleko. Temos que fazer teatro.

ALEKO

Sim, temos que fazer uma peça que nos cure a alma.

OLGA

Quando a neve secar, temos que fazer teatro.

MASHA

Por que, Aleko? Você tem a alma doente?

OLGA

Você é um ótimo ator, Aleko. Masha, a cena estava ótima. Temos que fazer teatro.

MASHA

Olga, por que não atua?

OLGA

Eu?

MASHA

Sim.

OLGA

Para quê?

MASHA

Para tentar. Para ver se agora você consegue.

OLGA

O que você acha, Aleko?



ALEKO
Sim, acho bom.

OLGA
“Quando encontrares Trigorin não diga nada, eu o amo. Amo-o inclusive mais do que antes. Kostia, tu te lembras. Que brilho, que caloroso, que juventude, que felicidade, que sentimentos... como ternas e delicadas flores...”

ALEKO
Olga, talvez devesse voltar a fazer amor. Quem sabe assim você volte a sentir.

OLGA
E o que acontece se eu gostar de fazer amor com outro homem e me sentir bem?

MASHA
Então você irá se sentir repugnante.

OLGA
Sim?

ALEKO
Você poderia fazer comigo.

OLGA
Bem.

ALEKO
Bem?

MASHA
Aleko, você dirá a ela as mesmas coisas bonitas que me disse?



ALEKO
Que coisas, Masha?

MASHA
Que eu era a mais linda mulher do mundo e que queria ter
filhos comigo?

ALEKO
Masha, eu estava com ele duro?

MASHA
Aleko!

ALEKO
Então não vale.

OLGA
E você vai me dizer as mesmas coisas que você disse para a
Masha?

ALEKO
Se você quiser...

OLGA
Sim. Quero. E quero que me diga mais coisas. Diga que
me ama, me diga que estou magra, que aparento menos
idade do que eu realmente tenho, que meus peitos estão
firmes, que vai me amar mesmo quando eu estiver atuando
mal. Me diga que sou sua crocodila, sua querida luterana,
me abrace forte, quebre-me duas costelas, sufoque-me e
me faça chorar. Quero que me morda a língua, que tussa
sangue e que me diga que és Anton, que irá viver muitos
anos e que iremos ter três filhas.

MASHA
Mataram o ministro Vyacheslav.

OLGA
Como?

MASHA
Colocaram uma bomba dentro de um carro, o autor foi
Yegor Sozonov, um socialista revolucionário.

OLGA
Que horror. Mas eu não soube de nada disso...

MASHA
Aconteceu há seis meses, Olga.

OLGA
Anton tinha acabado de morrer.

ALEKO
Já mataram muita gente.

MASHA
Ele era o chefe da polícia secreta e um anti-semita, por
mim, que os cães o devorem.

ALEKO
Era um ser humano.

MASHA
Aleko é cristão, Olga.

OLGA
Sim? Você é cristão? Mas você é um bom cristão? Ajude-me,
por favor. Interprete de novo a morte do Anton. Mas delire.

ALEKO

Eu imagino uma revolução. Imagino que a cidade muda de nome, que se chama Petroneva, ou Nevagrado, ou Antonchekhovgrado. Imagino que há uma guerra branca no inverno. E nos mandam trabalhar na Sibéria. Faz tanto frio na Sibéria que não há tempo para se ler. E depois outro homem, um novo líder, o que tem os dedos manchados de óleo nos cobre de vermelho. Imagino que todos esses soldados, trabalhadores, homens do campo, morrem e flutuam no rio, foram mortos pelo novo Czar, o novo César. E eu só queria vodka, champanhe, fuzis, cebolas, liberdade sem deus e bosques. Imagino que sigo gostando da Rússia. Imagino que ganhar uma guerra patriótica é como colocar uma cadela a voar pelo cosmos e terá valido a pena. Estou enamorado pela Rússia.

MASHA

Eu também penso na Rússia.

OLGA

Temos que fazer uma festa.

MASHA

Sim.

ALEKO

De novo?

MASHA

Aquilo não foi uma festa.

ALEKO

Para mim foi uma festa.



OLGA
O que não foi uma festa?

ALEKO
Quando a recebemos no foyer deste teatro.

OLGA
Com champanhe?

MASHA
Não foi festa.

ALEKO
Para mim foi sim uma festa.

OLGA
Uma festa é outra coisa.

ALEKO
Para mim foi sim uma festa. Comemos, tomamos vinho.

MASHA
Champanhe.

ALEKO
Bom, eu tomei vinho.

MASHA
Quando você tomou vinho?

OLGA
Não me deram vinho.

ALEKO
Dançamos... eu dancei.





OLGA
Você dançou comigo.

MASHA
Quando?

ALEKO
Você estava no banheiro.

MASHA
Não.

ALEKO
Bem, então você estava olhando para o outro lado.

MASHA
O que vocês dançaram?

OLGA
Uma polonesa?

MASHA
Sim, temos que fazer uma festa.

OLGA
Sim, temos que fazer uma festa, mas não aqui, em outro lugar.

MASHA
Em algum lugar que seja maior.

ALEKO
Podemos fazer a festa na casa do Andrei.



OLGA

Tem espaço para uma festa?

MASHA

Sim, ele mora em cima do restaurante do irmão.

OLGA

E como é o restaurante?

MASHA

Pobre, mas limpo.

ALEKO

Como a Masha.

MASHA

Também podemos fazer a festa em um lugar rico e sujo.

OLGA

Como Aleko.

ALEKO

Rico e sujo do jeito que você gosta.

MASHA

Temos que fazer uma festa. Temos que convidar o Sergei para que ele toque harpa. Aleko, você vai me tirar para dançar?

ALEKO

Não, estarei dançando com a Olga.

OLGA

Sim, mas eu estarei pensando em outra pessoa.

ALEKO

Já sei em quem. Vou colocar vinho na boca e farei assim...
(*Tosse, imita a Chekhov.*) “Nunca mais atues, Olga, nunca mais te enamores, nunca mais dance, não tens direito de ser feliz.”

OLGA

Masha, alguma vez você sentiu vontade de matar alguém?

MASHA

Sim, Olga. E também me dá vontade de queimar tudo, Olga.

OLGA

Mas eu perdôo Aleko. Fascina-me seu senso de humor.

ALEKO

Obrigado.

OLGA

Temos que fazer uma festa.

ALEKO

Sim, temos que fazer uma festa, uma festa sangrenta. Quero fazer um brinde. Quero fazer um brinde para a czarina que se levantou alegre e disse: Nicolás, está nevando, quero navegar pelo Neva. E quando a czarina se levanta e fica de pé sobre a cobertura do seu barco, ela gosta de ver a Rússia. E aí os soldados vão e constroem povoados inteiros às margens do rio. Porque nossa cidade, Olga, é muito bela, é cenográfica, aqui o povo vai para rua e se disfarça de pobre, porque somos todos milionários.

OLGA

Eu também quero fazer um brinde. Pela nossa família Real. Pela czarina, que é alemã como eu, para que ela gere um filho homem e sadio.

MASHA

Eu também quero brindar. Quero brindar pelo nosso diretor, que ainda não chegou. Quem sabe ele não está na rua defecado, morto, duro.

OLGA

Masha não seja ridícula, estamos festejando.

ALEKO

Sim, Masha. Não fale assim do nosso diretor.

MASHA

Sim, eu o amo, Aleko. Não, eu o amava.

OLGA

Mas ele não está morto.

ALEKO

Eu quero brindar por Gapón.

OLGA

Fascina-me, o Gapón, é um ator tão sensual. (*Masha ri*)

ALEKO

Olga. O padre Gapón, o sacerdote que organizou a marcha dos trabalhadores hoje pela manhã.

OLGA

Que boba. Eu me equivoquei.

MASHA

O padre Gapon, ator.

OLGA

(A Masha) Você ri, você ri porque eu não sei quem é o Gapón. Pois então ria, mas ria mais alto, ria alto. Se for rir de mim, ria alto. Que toda a São Petersburgo saiba a cretina e a estúpida que você é, Olga Knipper, que não sabe quem é Gapón. *(chorando)* Eu não tenho por que saber quem é Gapón. Por que teria que saber quem é Gapón? Eu acabo de chegar de Moscou!

ALEKO

Olga, sente-se, sente-se. Olga, o padre Gapón é o sacerdote que organizou a marcha dos trabalhadores hoje pela manhã.

OLGA

Para quê?

MASHA

Conte para ela, para que organizaram.

OLGA

Cale-se *(Para Aleko)* Para quê?

ALEKO

Olga, hoje pela manhã os trabalhadores levaram uma carta ao czar.

OLGA

E o que dizia a carta?

MASHA

Conte tudo que dizia a carta.

ALEKO
Cale-se!

OLGA
Cale-se, por favor!

ALEKO
A carta pedia justiça, proteção, dizia: “nos sentimos empobrecidos, oprimidos, nos tratam com desprezo, o despotismo está nos sufocando”.

OLGA
(*Olga ri, seu gemido era uma atuação*) Não, Aleko, verdade? E o que fez o czar?

ALEKO
O czar colocou doze mil soldados nas ruas. O padre Gapón parou a passeata dos trabalhadores, que eram leais ao czar, e disse: “camaradas, será a polícia e os soldados capazes de nos deter?” Eles responderam que não. O padre Gapón então disse: “camaradas, é melhor morrer por vossas reivindicações do que viver como temos vivido”.

MASHA
Vamos morrer padre.

ALEKO
Cale-se!

MASHA
Foi isso que eles disseram, Aleko.

ALEKO
Cale-se.

MASHA

Vamos morrer, disseram.

ALEKO

Os trabalhadores responderam: morreremos. Mas quando a manifestação chegou às portas do Narva, a cavalaria derubou a coluna e disparou sobre a massa. Quando o padre Gapón viu o massacre, parou no meio da rua e gritou: “Já não há deus, já não há czar”.

OLGA

Onde está o padre Gapón agora?

ALEKO

Não sei.

OLGA

Morreu? Aleko, está morto?

MASHA

Não, Olga. Não está morto.

OLGA

E como você tem certeza?

MASHA

Eu estive com ele antes de chegar ao ensaio. Na casa de Gorki.

OLGA

Você esteve na casa do meu amigo Máximo Gorki?

MASHA

Gorki me chamou. Precisavam de uma atriz que entendesse de maquiagem. Tinham que retirar o padre da cidade. Eu o pintei de mulher e coloquei nele uma peruca.

OLGA

E onde está o padre Gapón agora?

MASHA

Não sei, Olga. Eu imagino que deva estar caminhando pelas ruas procurando pela sua gente... ou flutuando no rio Neva... não sei.

OLGA

E como estava Gorki?

MASHA

Bem. Eu lhe disse que se tivéssemos estreia no próximo sábado, neste teatro, que ele viesse nos assistir.

OLGA

O quê?

MASHA

Ele gostaria de vê-la atuando.

OLGA

Mas por que você o convidou? Você não percebe que eu já não consigo atuar? Você não percebe, que desde que Anton morreu, eu sou incapaz de interpretar bem uma linha sequer? Isso você não entende porque nunca amou, mas eu sim, eu amei, amei, e sempre fui uma mulher ciumenta... que doente...

MASHA

Eu também sou ciumenta, Olga.

OLGA

Masha, te incomodou muito eu ter chegado para trabalhar como atriz em sua companhia, neste teatro?

ALEKO

Olga, ela se enrolou na cortina para chorar de raiva, porque tem ciúmes de mim.

MASHA

Sim, chorei. Mas eu queria conhecê-la, Olga. Queria aprender com você.

OLGA

Masha, você é igual a mim quando eu tinha sete anos. Com essa idade eu tampouco havia me apaixonado e também era virgem... você teria encantado o Anton. Se ele estivesse aqui, eu estaria enrolada em uma cortina deste teatro.

MASHA

Ele teria gostado de mim?

OLGA

Você o deixaria encantado e ele teria escrito uma obra de teatro para você.

MASHA

Como se chamaria?

OLGA

Neva.

MASHA

Neva, do rio Neva?

OLGA

Não, Neva de nevar... *(Pausa)* quem beijou quem nesta companhia?

MASHA
Ninguém beijou ninguém.

ALEKO
(Irônico) Não, Olga, não gostamos de falar sobre isso.

MASHA
É privado, Aleko.

ALEKO
É propriedade privada?

MASHA
Não, não é propriedade privada, é pessoal, é secreto.

OLGA
Sinto muito, Masha, eu pergunto apenas porque eu gosto de saber como são as pessoas com quem eu trabalho, mas se é um assunto privado não me interessa.

MASHA
Pessoal.

OLGA
Privado, pessoal: a mesma coisa. Não me interessa... falemos de outra coisa. *(Pausa)*

ALEKO
Olga, você sabia que o diretor de nossa companhia foi cantor de ópera?

OLGA
Ah, é?

ALEKO

Sim. *(Pausa)* E também engravidou a bilheteira do teatro.

MASHA

Aleko! Basta!

OLGA

Não! Mas isso é terrível. Essa menina deve ter dezoito anos.

MASHA

Tem quatorze, Olga.

OLGA

Quatorze! Mas, Masha, isso é um abuso. Estou decepcionada com o diretor da sua companhia, ele me parecia um homem tão digno, tão reservado.

ALEKO

Digno ...

MASHA

Reservado...

OLGA

Além do mais ele é tão baixo, tão magro. Foi cantor de ópera?

ALEKO

Péssimo.

OLGA

Não consigo imaginar como esta menina tão rosada foi deixar isso acontecer. Talvez ele a tenha violentado.

ALEKO

Parece que ele pagou.

OLGA

Não. Não. Não. Não está certo que falem assim de uma pessoa que não está presente e que além do mais é seu diretor! Parece-me asqueroso.

MASHA

Olga, você tem que aconselhar o Aleko.

OLGA

Não quero participar de uma conversa desse tipo.

MASHA

Você tem que dizer a ele pra não contar nada para o seu noivo.

OLGA

Eu não tenho noivo, eu já queimei todo meu carvão e meu combustível.

MASHA

Não, Olga! Ao noivo da bilheteira.

OLGA

Ela tem um noivo?

MASHA

Sim.

OLGA

Quem é?

MASHA
É um ator desta companhia.

OLGA
Quem?

MASHA
Osip...

OLGA
Quem é Osip?

MASHA
O que faz o papel de criado, de camponês.

OLGA
O gordo?

MASHA
Não o chame de gordo, Olga.

OLGA
Mas por quê? Eu olho para o homem, vejo um gordo, chamo de gordo.

MASHA
Osip sofre, Olga. Está sempre tentando emagrecer. Faz tempo que ele só toma vodka e come pão, mas acaba engordando mais. Não consigo entender por que esta menina foi se deitar com o diretor, Olga.

ALEKO
O problema é que o gordo está feliz porque acha que o filho é dele, mas quando vir que o bebê é magro como o

diretor, vai morrer de desgosto. Eu acho que tem que se contar a verdade para ele.

MASHA

Não, Aleko. Você não tem que contar nada. A bilheteira está apaixonada pelo Osip.

ALEKO

É um engano, Masha.

MASHA

Como você sabe se o filho é ou não do Osip?

ALEKO

Não, não creio, o diretor é um malandro.

OLGA

E o diretor tem esposa?

ALEKO

Não, ele diz que sua família somos nós. Nos ama. Atualmente ele vive com a irmã e tem filhos com ela.

OLGA

O quê?

ALEKO

Com a irmã.

OLGA

O diretor tem filhos com a sua própria irmã?

MASHA

Com a irmã dele, Olga... e ele os traz aos ensaios. As crianças são normais, mas têm os olhos separados.

ALEKO

Como os cordeiros.

MASHA

Eu sempre digo ao Aleko que ele não tem que falar nada. Deixemos que Osip seja o pai e quem sabe assim ele solucione o problema dele.

OLGA

Sim, Aleko. Você não tem que dizer nada.

ALEKO

Olga, eu não irei compactuar com uma mentira. O gordo é meu amigo.

OLGA

Já chega, Aleko, é o suficiente. Somos humanos, somos pessoas frágeis. Deixe o pobre gordo viver em paz.

MASHA

Osip.

OLGA

Osip. Deixe-o viver em paz também. Olhe para mim. Quando você me olha, o que vê?

ALEKO

Vejo a melhor atriz do mundo.

MASHA

Imbecil.

OLGA

O que você vê? Você vê Olga Knipper, uma mulher deprimida, uma ex-tudo, uma pelanca de réptil. Não. Não me jul-

gue, não me ridicularize, você tem que falar que sempre estive apaixonada por Anton e que sou uma ave, uma ave simples.

ALEKO

Olga, você sempre esteve apaixonada por Chekhov e é uma gaiivota.

OLGA

Quando o Osip chegar você não vai contar absolutamente nada para ele, nada. *(Pausa)*

MASHA

Olga, você se lembra de Sasha?

OLGA

De quem?

MASHA

Sasha.

OLGA

Não.

MASHA

A alta, a que faz a Irina.

ALEKO

A cantora.

MASHA

A que canta bonito. *(Canta)* “Sopra e sopra o vento...”

OLGA

Ah, sim.

MASHA
É uma ótima atriz a Sasha.

OLGA
Não me parece que seja tão boa atriz.

MASHA
Não é tão boa atriz quanto Olga Knipper.

ALEKO
Ela é boa atriz, Olga. Quando chega tarde se chateia e dá medo.

MASHA
Olha, me perguntem por que cheguei tarde.

ALEKO
Sasha, o ensaio era ao meio-dia. Por que você chegou tarde?

MASHA
“Que, que, que, que, que, que.”

ALEKO
Sim, é verdade. Ela diz todos os “quês” com diferentes entonações.

MASHA
Sasha é muito boa atriz.

ALEKO
Eu a acho muito bonita.

OLGA
Eu acho que ela tem cara de homem.

ALEKO

Sim, por isso faz muito bem os papéis de má. Além do mais, ela fuma, cospe, tosse.

MASHA

Como tuberculosa.

OLGA

E como tosem os tuberculosos, Masha?

MASHA

Perdão.

ALEKO

Mesmo que esteja nevando ela sai para fumar lá fora com o Yegor.

OLGA

Nós não deveríamos sair pelas ruas para procurar por eles?

ALEKO

Não.

MASHA

Não.

ALEKO

Não.

MASHA

Não.

ALEKO

“Não, não. Não, Shuvochka, não faça isso. Para quê?”

MASHA

“Amo-te loucamente, sem ti a minha vida não tem sentido, não tem felicidade. Tu és tudo para mim.”

ALEKO

“Não faça isso, Shuvochka... não entendo nada, meu deus, Shuvochka, não faça isso.”

OLGA

“Na minha infância, tu foste toda a minha felicidade, amava a ti e a tua alma como a mim mesma. Agora preenches todos os meus pensamentos e isso me impede de viver. Te amo, Nicolai Alekseevich.”

ALEKO

“O que significa isto, meu deus? Isto significa que tenho que recomeçar minha vida desde o princípio, é isto que significa Shuvochka? Tenho que retomar minha vida, minha juventude.”

MASHA

“Prometo-te todo meu amor, toma a minha mão. Logo virão tempos melhores. Seja valente e veja o quão valente e feliz eu sou.”

OLGA

Isso foi bem interpretado, Masha. Porque você diz que é feliz, mas chora.

ALEKO

Foi muito bom.

MASHA

Obrigada, meu público. Quero dedicar esta função a Olga Knipper, a famosa atriz do Teatro de Artes de Moscou que

nos visitou, mas ontem foi encontrada morta boiando no rio Neva.

OLGA

Pobrezinha, Olga Knipper foi tão feliz e morreu tão triste. Saiu para tomar ar, tossiu, vomitou sangue e se atirou no rio Neva. Fim.

MASHA

Olga, você é valente?

OLGA

Sim, creio que sim. Sim, sou valente. Sou valente. Porque é necessário ter muita força para viver a vida do jeito que penso vivê-la. Nunca mais vou voltar a me apaixonar. Vou morrer só, vou me encher de vodka e ficar vermelha como uma cebola. Vai ser uma lástima, vai ser de dar pena e irão rir de mim. Vão dizer que já não posso mais atuar, que as minhas mãos tremem, que eu esqueço o texto. Vão me receitar cocaína, como se eu fosse uma viciada em morfina. As mulheres e as outras atrizes vão dizer que Anton levou meu talento junto com ele para a tumba quando morreu em Badenweiler. Nunca mais vou pisar em um palco e vou morrer de inveja ao saber que atrizes como você vão usar os meus sapatos.

MASHA

Olga, você é feliz. Talvez você não se dê conta agora, mas você é feliz.

OLGA

Aleko, delire. Mas delire mais.

ALEKO

Não te quis tanto, Olga. Tive gonorréia. Se tivesse que escolher entre minha irmã e você não saberia o que dizer.

— | |
— | |

Não tenho medo da morte. O que acontece é que em minha vida fui incapaz de decidir se acreditava em deus ou não. Mas sim, eu te quis muito, Olga. O que acontece é que estou morrendo e só posso pensar em mim e na Rússia.

OLGA

Não se preocupe, Anton. Logo vou me esquecer de ti e de como morreste... E em cem anos ninguém vai se lembrar de nós.

MASHA

Eu também desconfio desses bolchevistas de merda.

OLGA

O que está acontecendo em nosso país?

ALEKO

Os revolucionários decidiram matar as pessoas.

MASHA

Sim, e o czar matou muitos mais.

OLGA

Por que tanta morte?

MASHA

Porque queremos enterrar o czar, queremos que o povo governe.

ALEKO

E eleger um parlamento. Não se esqueça disso.

MASHA

Sim, mas não para que governem os nobres, seus tios, seus primos, Aleko. E sim para que não governe ninguém. Queremos dissolver o exército e queimar o dinheiro.

ALEKO

Olga, Masha acaba de descobrir que o czar não é o rei benevolente que todos nós acreditávamos que era.

MASHA

Não, Aleko, você é quem acaba de descobrir isso. Olga, agora o Aleko vai defender o czar, que os burocratas é que são maus, que a marcha de hoje foi organizada por agentes estrangeiros e que o padre Gapón é um agente estrangeiro.

ALEKO

Ninguém está defendendo o czar, Masha.

OLGA

Masha, Aleko não está defendendo o czar, isso é ridículo. Todos nós sabemos que o czar é cego, estúpido e covarde. Anton sempre disse que ninguém mais acredita que vamos ganhar a guerra contra o Japão. Todo mundo já se deu conta que nossos generais são uns bêbados e que não sabem lutar.

MASHA

Isso, Olga. Que viva o Japão e que morra o império Russo.

OLGA

Eu não disse isso.

ALEKO

Que ninguém escute você dizer isso, Masha. Isso é o que você quer? Você quer a guerra, você quer morte?

MASHA

A última guerra vai ser a guerra de classes, Aleko. Vai acontecer uma revolução. Até os marinheiros do Mar Negro

estão se rebelando porque estão sendo obrigados a comer carne podre, Aleko.

OLGA

Isso é verdade, Aleko. Em nosso país as pessoas nem sequer têm o que comer. E o czar o que faz? Toma chá e caça pássaros.

ALEKO

Não apenas isso, Olga. Masha também toma chá, caça moscas e não sabe o que quer. Está esperando que os seus líderes revolucionários retornem de seus exílios dos cafés de Paris e Genebra.

MASHA

Esses não são os meus líderes, Aleko. Eu não tenho líderes e, ao contrário, sei o que quero. Quero ver o czar chorar quando se der conta que seus súditos já não o amam. E quero votar, e quero nascer de novo para crescer na sua casa e ter esse teatro maravilhoso e poder atuar.

ALEKO

Não, porque você seria como eu, pensaria que não é certo atirar barris de pólvora nas pessoas que sabem dançar valsa.

MASHA

Ah, isso está errado?

OLGA

Isso está errado, Masha.

ALEKO

Muita gente pensa como Masha, Olga. Vamos, me responda, me responda: como vamos parar os assassinatos, os linchamentos... como iremos mudar o caráter do povo?

MASHA
Com uma greve geral...

ALEKO
Que boa ideia!

MASHA
É preciso acabar com os milionários que permitem que tudo isto continue assim.

ALEKO
Olga, Masha às vezes acorda com vontade de matar os nobres.

OLGA
Isto é verdade, Masha?

MASHA
Sim, mas isso só acontece depois do almoço. Mesmo assim, ainda continuo com vontade de queimar fazendas e entregá-las aos coletivos de camponeses para que cultivem a terra.

ALEKO
E eles sabem cultivar a terra?

MASHA
Sabem, Aleko, claro que sabem. E enquanto eles cultivam as terras, os nobres saem para caçar e ler a Bíblia.

ALEKO
Queimemos fazendas então, queimemos fazendas. Algumas delas têm bibliotecas e teatros privados.

MASHA

Existem muitas coisas que têm que arder neste país.

OLGA

O que mais tem que arder, Masha?

MASHA

As igrejas, os museus, as cadeias e algumas pessoas.

OLGA

Você se acha tão inofensiva e olhe o que está dizendo.

MASHA

Sim, mas eu sou maldita, eu poderia matar alguém na rua só porque me olha feio.

ALEKO

Não acredite nela, Olga. Ela chora pelos cachorros molhados quando chove. Toma vinho e diz que todos somos irmãos e que o amor vai salvar a Rússia.

OLGA

Não queime nada, Masha, quem sabe o czar não se manda para Londres e não seja necessário queimar absolutamente nada.

MASHA

Quem sabe o czar fique por aqui matando gente pobre.

OLGA

Bem, pode ser que sim.

MASHA

Como, pode ser que sim?

OLGA

Pode ser que sim. Mas a Rússia precisa de um governo.

MASHA

Não.

OLGA

O exército e a nobreza sabem governar.

MASHA

Não.

OLGA

Lamentavelmente nossos pobres bebem e depois batem em suas mulheres.

MASHA

Não, Olga.

OLGA

Sim. Por isso aos pobres primeiro temos que oferecer educação, para que no futuro essas pessoas possam governar. Mas primeiro temos que dar-lhes educação.

ALEKO

O que acontece é que a Masha acha que os pobres são bons porque são pobres.

OLGA

E em que você acredita Aleko?

ALEKO

Eu creio que temos que voltar a viver no campo, simplesmente. Temos que trabalhar com a terra, estudar e rezar. E

quando estivermos velhos, nos dirigirmos a um convento,
encontrarmos com deus e morrer.

MASHA
Aleko, por favor.

ALEKO
O que acontece é que o dinheiro nos transformou em po-
bres, Masha. Olga, deveríamos abandonar São Petersburgo
e começar tudo de novo.

MASHA
Tudo o que o Aleko sabe de política ele aprendeu do Ser-
mão da Montanha.

ALEKO
E daí?

OLGA
Não queime nada, Masha. Não queime nada. Quem sabe a
Rússia se incendeie sozinha. Aconteça o que acontecer, sem-
pre teremos a arte. Quem sabe, passado muito tempo, as
coisas continuem do mesmo jeito. Continue existindo po-
bres, continue existindo ricos, continue havendo soldados
disparando contra as pessoas nas ruas. Mas sempre vamos
poder seguir sonhando e poder seguir dizendo: nada muda,
tudo segue igual, é preciso queimar tudo. É a vida, Masha.

MASHA
Olga, eu te admiro, você é uma atriz estupenda, já disse
isso, mas você não está entendendo nada.

OLGA
O que é que eu não estou entendendo?



MASHA
As coisas vão mudar agora.

OLGA
O que vai mudar?

MASHA
Vai haver uma revolução em nossa pátria. Finalmente vamos ser livres, as pessoas serão solidárias, não vai haver ricos. Acorde, Olga, acorde, Aleko, não existirá mais ricos!

ALEKO
Masha tem razão, Olga...

MASHA
Eu tenho razão, Aleko.

ALEKO
Vamos ser todos pobres.

OLGA
(Canta) “Sopra e sopra o vento...” Este teatro tão vazio me dá medo. .

ALEKO
Uma noite eu fiquei aqui sozinho, mas eu não pude dormir porque senti que alguém tossia.

OLGA
Aleko! Anton sempre tossia escondido nos teatros.

ALEKO
Como tossia?



OLGA
(Tosse)

ALEKO
E como era a cara?

OLGA
Terrível... caminhava assim.

ALEKO
E você, o que fazia quando ele se portava assim?

OLGA
Eu atuava, fazia uma cara de alegre. Dizia para ele que as coisas iriam melhorar.

ALEKO
Mas ele sabia...

OLGA
Aleko, tussa.

ALEKO
(*Tosse. Como Chekhov.*) “Quero voltar a Moscou, quero abraçar a minha irmã. Não queimem tudo, não terminem a revolução. Champanhe!”

OLGA
Não, não morra, melhore.

ALEKO
“Bem, Olga. Já passou a minha febre, já me sinto melhor. Quero voltar a Moscou, tenho uma ideia para outra peça de teatro. Uma tragédia que se chame Neva.”

MASHA

Neva, de nevar?

ALEKO

“Não, Neva. De rio Neva. Quero comer, quero nadar no rio. Existem tantos livros que não cheguei a ler.”

OLGA

Anton, eu estou grávida. Não vou poder atuar na sua tragédia.

ALEKO

“Masha, minha irmã, você vai ser tia.”

OLGA

Anton, nós estamos ficando velhos, que bom que a revolução não aconteceu.

ALEKO

“E agora existem tantos doutores. Encontraram a cura para a tuberculose. Estamos tão felizes. Minhas obras são apresentadas como comédias e as pessoas riem. Já se passaram tantos anos e ainda não morri. Existem tantas árvores, tantas flores.”

OLGA

Anton, estou morrendo, estou morrendo antes de você. É o meu coração, amei demais, se desgastou.

ALEKO

“O meu também. Gostaria de seguir vivendo, ter a barba branca, comprida. Não quero ir.”

OLGA

Não se vá.

ALEKO

“Quero sair e protestar contra o czar. Posso?”

OLGA

Não, lá fora não existe rua. Lá fora é a selva negra.

ALEKO

“E se estivéssemos em São Petersburgo, me deixaria sair à rua, Olga?”

OLGA

Não, Aleko. Lá fora o rio está congelado, os soldados estão atirando nas pessoas na rua. Eles podem matá-lo, você pode se resfriar. Lembra quando você tossia? Delirava. Dizia que algo terrível iria acontecer em nossa pátria.

ALEKO

Você tem razão, algo terrível está acontecendo em nossa pátria. Vou sair e procurar os outros atores... Não posso... Não posso atuar, Olga... Tenho vergonha que me olhem. Como vou atuar se nunca sofri o suficiente? Às vezes tenho pena de como vivem os pobres, mas nunca me dilacerou o coração. Como vou atuar se nunca chorei por amor?

OLGA

E eu? Você compreende o que significa ser eu, Olga Knipper? Como posso voltar a me apaixonar, se me esqueci como seduzir? Além disso, os homens têm cheiros e se limpam. Dormem, se calam, se cansam. Comem e sujam os bigodes de gordura. Perdoe-me, Anton, por arruinar com a sua vida. Por casá-lo. Você teria sido mais feliz dormindo com prostitutas? Você teria preferido morrer de gonorréia, com o canal ardendo, urinando leite com morangos? Você teria preferido morrer de sífilis e não morrer sufocado, louco, babando, operático, desafinado?

ALEKO

Você quer me seduzir, Olga?

OLGA

Você quer que eu te conquiste e que depois destrua o teu coração?

ALEKO

Sim. Quero.

MASHA

Não, Olga. Alguém terminará chorando.

OLGA

Olhe para mim, Aleko. Me ame. Quero lhe salvar, eu necessito de você. Estou esperando um filho seu, estou esperando cachorrinhos seus. Não tenho nada para lhe oferecer, eu gosto de sexo servil. Eu gosto de dizer obscenidades em alemão, de emitir sons guturais. Depois de copular fico adormecida, mas acordo com vontade de cozinhar e de limpar a casa. Eu gosto do seu cheiro de cebola, gosto de vê-lo defecar, vou tratá-lo como um menino, fazê-lo chorar, vou te dar a minha placenta para que você a coma, vou te amar. De tempos em tempos vou bater em você e vou pedir perdão chorando. Vou fazer escândalos nas estreias, vou comer frango na cama e vou engordar, vou esperar até que me humilhe para emagrecer e parecer um homem. Vou achá-lo perfeito, vou perdoá-lo de tudo, vou querer você como se fosse um cavalo. Meu Aleko, meu novo Antosha, meu novo Anton. Meu Alexandro, você vai me amar como eu já estou te amando?

ALEKO

Já te amo, Olga.

MASHA

Olga, vai acontecer uma revolução na nossa pátria e vai ser linda. As pessoas vão sair para cantar nas ruas e depois vão morrer. Às vezes gostaria de ser homem. Gostaria de beber vodka até cair e brigar na rua para ver sangue. De usar botas e jaquetas de couro. Fumar. Assoviar. Ofender as mulheres, rir das minhas próprias piadas. Amar o meu próprio fedor. Banhar-me no rio Neva com os ursos polares no inverno. Às vezes gostaria de ser homem, ter estado na cadeia, ter sido chutado, não acreditar em deus, mijar na rua, dormir de dia, não ter medos, Aleko, ter queimado casas de ricos, ter violado condessas, duquesas, princesas. Às vezes gostaria de ser homem. Ter matado. Ter linchado, ter comido carne humana, ter lutado na guerra, ter matado crianças, ter violentado crianças e velhas. Gostaria de ser homem. Eu me sentiria feliz. Quer dizer que se amam? Vão se casar? Vão ter filhos? Assim irão atuar melhor? A revolução foi feita para gente como vocês, para poder queimá-los. Por quanto tempo se pode falar de amor? Sim, Olga. O seu marido morreu e você quer reviver sua morte porque não pode atuar. A quem isso importa? Lá fora está acontecendo um domingo sangrento, as pessoas estão morrendo de fome nas ruas e você quer fazer uma peça de teatro. A história passa como um fantasma, vai haver uma revolução. E quem é tão imbecil para ficar trancado em uma sala de teatro para sofrer por amor e pela morte? Tenho vergonha de ser atriz. É tão egoísta, uma armadilha burguesa, uma lixeira, um estábulo de éguas. Olga, você é uma cavala, não, uma burra. Aleko, você é uma desgraça. Reze por mim quando esta cidade se queimar. Reze por mim quando houver a revolução para que eu morra na Sibéria. E reze quando queimarem suas igrejas. Atores de merda. Indolentes, ignorantes, pretensiosos, vazios, cascas

de amendoim, tomates podres. Aleko, se você chegar ao céu, veja-me arder. Querem fazer uma peça de teatro? Quantas vezes pode-se dizer te amo e não te amo? Me cansei. Quantas vezes se pode chorar e clamar por verdade em um palco? E ser mais realista e encontrar novos símbolos? Basta. Estamos no ano 1905 e creio que o teatro se acabou. Isso já não é o século XIX, agora o capitalismo tem máquinas. Me dão asco. Poderia começar por queimar este teatro e ver arder com ele a arrogância, a vaidade. Detesto o amor do teatro, seus gestos falsos, sua formalidade, sua pachorra. Me sufoca, Olga. Não quero trabalhar pintada, não quero me ver bonita. Querem fazer algo que seja de verdade? Saiam às ruas e vejam a força simples da violência política, o fim do regime. É tão lindo matar um general e detonar um ministro com uma bomba, exala odor de justiça. Os demais atores não vão chegar, foram mortos. Detesto suas lágrimas negras, suas risadas de gorila, suas pausas açucaradas. Galinheiro, lixeira de ideias mortas. Vai haver uma revolução e os que sobreviverem serão livres. Vamos beber, vamos ganhar guerras e vamos cantar nos funerais. Mas, Olga, Aleko, não me falem de amor, me falem de fome. Fundem um hospital, saiam em passeata, roubem armas, matem um nobre, matem um general, façam algo de que não sintam vergonha, uma vez na vida não falem com um nó na garganta. Oh, meu querido, meu doce, meu belo teatro. O amor me faz rir. O teatro é uma merda. Os atores são uma merda. Imagino uma revolução. O mundo vai se acabar e nunca seremos livres. Para que perder tempo fazendo isto? Como pode ficar em pé no palco sabendo que lá fora, na rua, no mundo, as pessoas estão morrendo? Arte burguesa, teatro burguês. Odeio o público que vem para se emocionar, me odeio por ser atriz. Olga, Aleko, vocês dizem que eu não tenho alma... Eu tinha alma, mas a usei

muito, ela se gastou. Por que existem pobres? Quero morrer, desperdicei a minha vida por ser um pavão real e agora sou uma chorona, uma amargurada. Daria tudo para estar morta hoje, estar morta como Yegor, Sasha, o diretor, a bilheteira, Osip. Eu gostaria de estar morta. Mas enquanto morro, enquanto me esvaio em sangue, pensaria: cho-rem, atuem, amem, riam, dá no mesmo, tudo dá no mesmo. O que vocês falam para mim é um vômito. O amor é sexo, e sexo é a nossa cruz, nossa miséria. Somos como cães e vocês estão fornicando como cães sobre o palco, inchados, grudados, é necessário atirar-lhes água fervendo para separá-los. Detesto seu cheiro de talco e suas lágrimas doces. Você quer sofrer sentada, confortável, como se sofre no teatro? Sente-se na Pérsia, na Turquia, na Manchúria, na Polônia e deixe que a guerra te esmague. Você quer chorar? Vá trabalhar em uma fábrica como fazem as crianças e deixe que seus pulmões sequem com a fuligem do carvão. Mas não me venham dizer que no palco se sofre. Porque não se sofre. Se sofre na vida. Detesto o público. Estes simplórios que vêm se entreter enquanto o mundo se acaba. Vêm buscar cultura, a suspirar. Deveriam sentir vergonha. Deveriam entregar esse dinheiro aos pobres. Tem gente morrendo de fome na rua, as crianças perdem seus dentes de leite e no lugar não nascem outros. Atores de merda, vaidosos, se acham artistas, mas são fantasmas, uns abóboras, bonecas como vocês. Querem teatro? Querem chorar? Eu lhes darei palco e lágrimas. Vamos morrer e irão nos esquecer. O amor irá se acabar. O sol não brilhará mais para ninguém. A Rússia vai se acabar e morreremos de uma vez. A vida foi um erro enorme. Mas por favor, não continuem a falar de amor. E não falem de morte porque não podem compreendê-la. Vão embora para as suas casas e trabalhem como todo mundo. No futuro, quando o mundo se acabar,



só existirão filmes e a tela vai nos fazer chorar como galinhas, como Olgas Knipper. “Não morra Anton, não morra, meu escritor, me escreva umas últimas palavras.”

FIM



O Autor

Dramaturgo e diretor de teatro, chileno, nascido em 1971, Guillermo Calderón estudou interpretação na Escola de Teatro da Universidade do Chile. Possui pós-graduação no *Actor's Studio* de New York, Estados Unidos da América. Entre seus diversos estudos de aperfeiçoamento se encontra: Escola de teatro físico Dell'Arte na Califórnia, EUA e estudos de cinema na *City University of New York*, EUA. Dirigiu as peças *Historias de Familias* e *La Caída de La Casa Usher*, e por esta última montagem foi convidado para o Festival Ibero-americano de Teatro de Cádiz, na Espanha e para o Festival Internacional de Teatro de Bayonne, na França. Atualmente ministra aulas de interpretação na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Sua primeira peça, *Neva*, recebeu o Prêmio José Nuez Martín, em 2008, com a qual sua companhia, *En el Blanco*, tem participado de diversos festivais europeus e latino-americanos, dentre eles o Festival Ibero-americano de Teatro de Cádiz, na Espanha, e no projeto Teatro Chileno em Evidência, do SESC - São Paulo, no Brasil.



